

*A língua de Camões ou a Última Flor da Irrelevância:
procedimento paródico em Patrícia Lino e Ricardo Domeneck*

Carla Miguelote¹

A cultura não tem outra realidade que a do diálogo que os actores dela – os poetas em sentido largo – travam entre si. Como a vida mesma, esse diálogo é uma indistinta disputa de amor e ódio, de afirmação e negação, de aceitação ou recusa. (LOURENÇO, 2002, p. 238)

O presente trabalho propõe leituras cruzadas entre os livros *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), da poeta portuguesa Patrícia Lino, e *Cigarros na cama* precedido de *Manual para melodrama* (2022), do poeta brasileiro Ricardo Domeneck. Aproxima os dois livros o fato de ambos recorrerem ao recurso da paródia, emulando a linguagem dos manuais. Fazendo uso da escrita injuntiva, que teria como objetivo levar leitoras e leitores à ação, as lições ou instruções presentes nos dois livros, pelo inusitado de suas propostas, acabam levando o leitor ao riso. O humor, entretanto, se faz estratégia de uma escrita crítica e dissonante.

O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial pode ser lido como paródia dos manuais de sobrevivência do escotismo, projeto educacional aliado aos mecanismos introdutórios da narrativa colonial, como observam Robert Stam e Ella Shohat (2006) em *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Os autores lembram que o escotismo fora fundado por um militar, o general britânico Robert Baden-Powell, que escreveu o livro *Scouting for Boys: a handbook for instruction in good citizenship* (1908). Uma vez que cabiam às meninas apenas brincadeiras que lhes ensinassem as tarefas da vida doméstica, o manual de Baden-Powell era claramente dedicado aos rapazes. Na pista de Joseph Bristol (1991), Stam e Shohat (2006, p. 143) afirmam que um dos objetivos do escotismo então nascente era “transformar rapazes em ‘sujeitos engrandecidos’, uma raça imperialista que imagina o futuro do mundo repousando sobre seus ombros”. E acrescentam: “A fantasia de regiões remotas oferecia a esses rapazes ‘reinos com o carisma da aventura’, livres da responsabilidade dos compromissos heterossexuais” (STAM; SHOHAT, 2006, p. 143). Portanto, assim como nos filmes de aventura, estava em jogo no escotismo a “auto-afirmação da masculinidade europeia” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 143).

Se os manuais de escotismo visavam preparar meninos e adolescentes para um suposto futuro glorioso de conquistador, o kit inventado por Patrícia Lino se endereça a velhos caducos, saudosistas de um passado imperial não tão glorioso quanto gostariam de pensar. Enquanto os manuais para escoteiros apresentavam ferramentas e estratégias militares para

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras da Unirio.

enfrentar os desafios de viver em meio à natureza, em terras remotas e “selvagens”, sem os recursos das sociedades ditas civilizadas, o livro de Lino apresenta objetos antiquados, quinquilharias e bugigangas, destinados a dar algum conforto àqueles que resistem a aceitar um mundo em que os subalternos de outrora exigem seus direitos e seu lugar. Trata-se, justamente, de evidenciar os contrassensos do discurso colonial e o ridículo de sua persistência entre os herdeiros renitentes dos “descobridores” portugueses, narcisistas da branquitude, agarrados à imagem da sua suposta superioridade.

Vale destacar que Patrícia Lino também aponta para a relação entre colonialismo e masculinidade, em consonância com o pensamento feminista decolonial. Essa perspectiva pode ser observada, por exemplo, quando a autora descreve um de seus objetos: “a pulseira homoafetiva”. Trata-se, segundo Lino (2020, p. 115), de “um símbolo do companheirismo, lealdade desvairada e apoio mútuo que existem entre alguns homens” e que:

[...] remontam até aos primeiros tempos da dinâmica colonial, em que os homens se uniam para conquistar as terras que, em qualquer contexto e circunstância, eram mencionadas no feminino e definidas pela sua feminilidade. Por outras palavras, uma oposição violenta e clara entre um grupo másculo de homens e as terras intocadas e virgens que, por direito e primazia, lhes pertenciam e que, expectantes, aguardavam ser conquistadas. A par delas, todas e todos os que lá também viviam. (LINO, 2020, p. 115)

O procedimento paródico permite aproximar *O kit* de Lino do *Manual* de Domeneck, uma vez que esse se apresenta como paródia dos livros de autoajuda, designado pelo próprio poeta como um livro de autoestorvo. Em ambos os casos, trata-se da desilusão da conquista: conquista das “terras virgens” do novo mundo, de um lado; conquista da pessoa amada, de outro. No livro de Domeneck, está em jogo não o ressentimento de quem perdeu seu poder político e simbólico, mas o rancor de quem foi abandonado e substituído na esfera amorosa.

Na linha do melodrama, o *Manual* de Domeneck apresenta lições carregadas de hipérboles, com projetos de vingança desmedidos ou enlevos de autocomiseração desmesurados. Beirando o absurdo do exagero, o conjunto nos arrebatava pelo humor, provocando o riso do leitor. Além do recurso ao procedimento paródico, outro aspecto que aproxima os poetas Patrícia Lino e Ricardo Domeneck consiste no fato de ambos atuarem no âmbito da intermedialidade. Além dos textos que apresentam os objetos do kit – que consistem sempre em duas seções (“o que é”, “como usar”) –, *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* dispõe imagens desses mesmos objetos imaginários. Trata-se de colagens digitais, trabalho de artista visual realizado pela própria poeta. Já *Manual para melodrama* pauta-se todo em referências intermediárias, sobretudo audiovisuais, já que o poeta indica um filme paradigmático para cada uma de suas lições. Os filmes serviriam como

cine-ilustrações, de modo a auxiliar a leitora na execução das instruções do livro, que consistem todas em performances de persona abandonada.

Uma vez que ambos os escritores escrevem em língua portuguesa vivendo em países estrangeiros (Patrícia Lino, nos Estados Unidos; Ricardo Domeneck, na Alemanha), trata-se também de observar a visada de uma perspectiva lusófona na arena globalizada das relações interculturais.

Entre os objetos do *Kit de sobrevivência*, encontra-se, por exemplo, o “Manual da língua de Camões”, destinado não aos portugueses, que “dominam indubitavelmente o conteúdo dos 20 capítulos” (LINO, 2020, p. 128), mas aos membros de suas ex-colônias – aqueles cuja “língua materna” se configura como “língua do outro”, para citarmos Derrida em *O monolingüismo do outro* (2001).

O MANUAL DA LÍNGUA DE CAMÕES é um livrinho fundamental. Foi feito para todos os nativos do Português com o objetivo de cimentar um entendimento extenso e correto da Língua Portuguesa.

As pequenas incongruências do dia a dia ou até mesmo os períodos em que a sua produção diminui representam um desafio para manter uma conduta linguística perfeita. Deste modo, é muito importante manter-se por dentro das regras e convenções do nosso idioma.

Outro dos problemas é a liberdade e imenso perfil criativo com que as comunidades das ex-colônias portuguesas parecem encarar a Língua Portuguesa.

Apesar de todos os países terem como língua oficial a portuguesa, o facto é que, por exemplo, os brasileiros incorporaram à língua de Camões algumas diferenças (muitas vezes provenientes dos autóctones ou outros colonizadores), nem sempre vistas com bons olhos pelos portugueses. Por isso, alguns imigrantes brasileiros em Portugal referem já ter ouvido, de professores universitários, que o português que falam não é o correto.

Se estes imigrantes – e isto aplica-se, também, aos angolanos, moçambicanos ou cabo-verdianos – escolheram ir para Portugal devem fazer um esforço para se adaptarem à grande língua que lá é falada. (LINO, 2020, p. 127)

A apresentação do objeto “Manual da língua de Camões” é precedido por epígrafe, que diz: “*A pátria onde Camões morreu de fome / mas onde todos escrevem como Camões!*” (LINO, 2020, p. 125). A epígrafe não consiste exatamente em uma citação, mas em uma apropriação e reescrita de versos de Almada Negreiros, importante nome do modernismo português, que, no poema “A cena do ódio”, se refere à “pátria onde Camões morreu de fome / e onde todos enchem a barriga de Camões!”. Esse mesmo tipo de reescrita, que talvez possamos tratar como “tradução intercultural intralinguística”, é retomada por Lino na apresentação de outro objeto, o “Poemário. Sobre a alma peregrina”. Aqui, antes da apresentação do Poemário e também à guisa de epígrafe, a poeta reescreve dois dos mais famosos versos de Fernando Pessoa (1995, p. 82), ortônimo, em seu livro *Mensagem*: “Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!”. Patrícia Lino (2020, p. 79) reescreve esses versos, provocando uma inversão de perspectivas: “*Ó mar salgado, quanto do teu sal /*

São lágrimas dos colonizados!”, escreve a poeta. Poderia ter escrito também: “*Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas dos escravizados!”*”.

Retomo abaixo os versos de Pessoa que se seguem a esses dois para, em seguida, lembrar de alguns versos de Camões, em *Os Lusíadas*, que parecem ressoar aqui, pela clara vitimização dos heroicos portugueses que se lançam ao mar e às descobertas, colocando em risco a própria vida. Vamos primeiro aos versos de Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quanto filhos em vão resaram!
Quanto noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
(PESSOA, 1995, p. 82)

Esses versos parecem ecoar a cena conhecida como “Despedidas em Belém”, do Canto V de *Os Lusíadas*, do qual retomo as estrofes 89 e 90, que destacam a reação daqueles que se aglomeravam em torno do local de partida nas naus de Vasco da Gama, para se despedirem de parentes e amigos.

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres cum choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, esposas, irmãs que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
só pera refrigério e doce emparo
Desta cansada já velhice minha,
Quem em choro acabará, penoso e amaro,
Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento?
(CAMÕES, 1972, p. 275)

A vitimização dos navegantes portugueses, presentes nas estrofes supracitadas, desdobra-se, em dicção irônica, na vitimização dos colonizadores e seus herdeiros, quando Patrícia Lino apresenta o seu objeto intitulado “A estátua do Coitadinho”:

A estátua do COITADINHO [...] [a]ssenta na hiperbolização da dor ou desconforto próprios em relação à dor ou desconforto de outrem.

O COITADINHO é uma homenagem às mágoas e queixas que os grandes colonos portugueses manifestaram entre os séculos XVI e XIX e que diziam exclusivamente respeito ao ambiente anômalo e enfermo das colônias. (LINO, 2020, p. 123)

Sobre como usar o Coitadinho, ressalto as seguintes instruções do kit:

1. Disponha o COITADINHO onde quiser. Ele recordá-lo-á dos enormes obstáculos, trabalhos e estorvos que os seus antepassados enfrentaram em terras do terceiro mundo.

1.1. Selecione dois termos.

1.2 Hiperbolize o termo que lhe diz respeito ou que diz respeito aos que você quer evidentemente beneficiar.

1.3 Minimize ou omita os tormentos do segundo termo.

1.4 Repita ou exagere a hipérbole com expressividade sempre que tiver oportunidade. Para todas as idades a partir dos 6 anos. (LINO, 2020, p. 124)

A expressividade eloquente de Camões e Pessoa, ao hiperbolizar os sofrimentos dos navegadores, parece ter servido aos herdeiros dos colonizadores, que continuam destacando as dores de seus antepassados em detrimento dos sofrimentos dos colonizados e escravizados, que são omitidos ou minimizados. Nesse sentido, e à guisa de contraste de perspectivas, proponho um diálogo com alguns versos do “Cemitério marinho”, de Edimilson de Almeida Pereira (2019). Como nos adverte o poema, se os portugueses partiram ao mar por vontade própria, cheios de ambição e confiança no futuro, apesar dos riscos corridos, os escravizados, forçados à diáspora, sem escolha, não podiam se fiar no mesmo tipo de esperança e sorte.

A mãe, que nos versos de Camões, tenta convencer o filho a não partir nas naus de Vasco da Gama, teme que seu destino seja o “funéreo enterramento”, e que seu corpo se transforme em mantimento de peixes. Ora, tal destino, que podia eventualmente ocorrer aos navegadores portugueses, era certamente mais provável entre os africanos embarcados à força nos navios negreiros, para, com sorte, cruzar o Atlântico. Assim, na cena 4 do poema de Edimilson de Almeida Pereira (2019, p. 139), lê-se, não como hipótese e temor, mas como fatídica afirmação: “o que somos / vem de um / enigma / tirado aos peixes”. Ainda, na Cena 1 do referido poema, Edimilson escreve: “: embarcados, às vezes / nos desembarcaram / antes da ilha, em meio / às ondas / como sacos de aniagem // entregues ao calunga / grande, o que resta?” (PEREIRA, 2019. p. 135). Na cena 2, lê-se: “uma ponte de ossos / submersa / eis o que somos –” (PEREIRA, 2019. p. 136). Retomando palavras de Leda Maria Martins para

pensar a performance ritual dos Congados, e as deslocando para pensar a poesia de Edmilson, diria que essa ponte de ossos, transmutada em escrita poética,

[...] pode ser lida como um suplemento que recobre os muitos hiatos e vazios criado pelas diásporas oceânicas e territoriais dos negros, algo que se coloca em lugar de alguma coisa que ficou inexoravelmente submersa nas travessias, mas perenemente transcriada, reencorpada, reincorporada e restituída em sua alteridade, sob o signo da reminiscência. (MARTINS, 2002, p. 87)

Mas retomemos as questões relativas à língua portuguesa, agora a partir do livro de Ricardo Domeneck, que já não se debruça sobre as disputas em torno do idioma entre países lusófonos, mas questiona sua reduzida importância na arena das trocas globais. Em *Cigarros na cama*, o sujeito lírico, sofrido por ter sido abandonado por um amante alemão, queixa-se da inutilidade de escrever poemas de insulto, posto que o destinatário dos impropérios “jamais dignou-se / a aprender” o português, esta “língua / conhecida como a Última Flor / da Irrelevância” (DOMENECK, 2022, p. 53-54). Observa-se, nesse poema, um procedimento semelhante ao de Patrícia Lino, de apropriação e reescrita, uma vez que Domeneck retoma aqui a célebre expressão “Última flor do Lácio”, que abre o poema “Língua Portuguesa”, de Olavo Bilac. Do soneto parnasiano reproduzo apenas os dois tercetos, em que, louvando a língua portuguesa, o poeta diz:

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo
Amo-te, ó rude e doloroso idioma

Em que da voz materna ouvi: "meu filho"
E em que Camões chorou, no exílio amargo
O gênio sem ventura e o amor sem brilho
(BILAC, 1976, p. 86)

Para finalizar, gostaria de tratar de um caso diferente de tradução intercultural, desta vez presente na segunda lição do *Manual para melodrama*, intitulada “Como reagir ao ser abandonado e substituído II: Método didoico”. Essa lição é apresentada como constituindo um método oposto ao da primeira, que se chama: “Como reagir e ser abandonado e substituído I: Método medeico”. O método medeico, como se pode supor, inspira-se em Medeia, personagem mitológica que encarna a vingança desmedida na tragédia de Eurípides e suas posteriores adaptações ou reescritas. Já o método didoico inspira-se em Dido, cujo caso amoroso e de triste desfecho com Eneias é narrado na *Eneida*, de Virgílio. A introdução ao método didoico, no livro de Domeneck, explica que esse consiste em:

[U]m método com práticas e consequências diametralmente opostas às do método medeico: se a dramática medeica privilegia verbos de ação transitivos e diretos (como, por exemplo, matar e punir), a dramática didoica pode até usar os mesmos

verbos, mas apenas reflexivos, e tende a privilegiar os intransitivos (como, por exemplo, sofrer e morrer). (DOMENECK, 2022, p. 21)

Na ausência de um filme que narre a desventura de Dido, Domeneck recomenda como cine-ilustração do método um exemplo nacional, prestigiando a personagem Geni, na adaptação cinematográfica de Arnaldo Jabor para a peça *Toda nudez será castigada*, de Nelson Rodrigues. As semelhanças entre Geni e Dido são pouquíssimas, o que torna curiosa a aproximação. Dido, rainha de Cartago, apaixona-se por Eneias, um dos heróis da guerra de Troia, que havia sido totalmente arrasada. Em seu périplo para chegar ao Lácio, com a missão de fundar uma nova Troia, Eneias acaba por aportar acidentalmente em Cartago. Dido o recebe e, influenciada por Vênus, se apaixona por ele. Depois que os dois se entregam ao amor, Júpiter envia Mercúrio para lembrar ao herói que ele deve partir, pois tem uma missão maior, chegar ao Lácio e fundar uma nova cidade, que governará todas as outras. É ali que será fundada Roma, que se tornará a capital do Império Romano. E é a partir dali que vai se originar a língua portuguesa, a última derivada do latim vulgar falado no Lácio. Dido, desesperada ao ser abandonada, mata-se, atirando-se em uma pira fúnebre. Eneas segue para o Lácio, onde é recebido pelo rei, Latino, que não apenas lhe oferece abrigo, mas também a mão de sua filha, herdeira do trono.

Ora, Geni, que, na tradução intercultural proposta por Domeneck, seria a versão brasileira de Dido, não é rainha de nada. É uma prostituta deslumbrante e solar, que acaba por se casar com um de seus clientes, o viúvo e moralista Herculano, mas apaixona-se de verdade por seu enteado, Serginho, com quem tem um caso. A paixão entre os dois é vívida, às costas do pai e marido, até que Serginho abandona Geni, não para fundar uma nova cidade, um novo império, ou seguir qualquer outra missão gloriosa, mas para fugir com o bandido boliviano que o havia violentado na prisão. No aeroporto, Geni flagra os dois embarcando juntos em um avião. Enquanto Serginho desvia o olhar, constrangido, o boliviano dirige à mulher abandonada um riso sarcástico. E é a reação de Geni a esse abandono que a aproxima de Dido. Não suportando o abandono, também Geni se mata, não se atirando numa pira fúnebre, mas cortando os próprios pulsos.

Embora a viagem de Serginho não tenha nenhum traço que a relacione ao destino da língua portuguesa (como a viagem de Enéas indiretamente teria), gostaria de fazer aqui uma digressão, pensando a preferência pelo bandido boliviano como uma provocação em relação às disputas entre língua espanhola e língua portuguesa dentro da América Latina. Pois, como afirma Nabil Araújo (2015, p. 104), em seu artigo “Teorizar em ‘português brasileiro’? (Monolinguismo, tradução, ex-apropriação)”: “desde meados do século XIX”, assistimos à

consolidação e à legitimação, “em nível local, intracontinental, do espanhol como meio de expressão por excelência da ‘latinidade’”. Nesse sentido, a expressão “última flor da irrelevância” apontaria não apenas para a reduzida importância do idioma português na arena cultural global, mas também “para a invisibilidade do Brasil e da língua portuguesa no âmbito de uma “Latinidad” (ou de uma “Latinoamericanidad”) declinada, via de regra, em espanhol” (ARAÚJO, 2015, p. 105).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nabil., (2015), Teorizar em "português brasileiro"? (Monolingüismo, tradução, ex-apropriação). *Alea: Estudos Neolatinos*, Vol. 17, n.1, pp.92-113. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33038339007>>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BILAC, Olavo. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

BRISTOL, Joseph. *Empire boys: adventures in a man's world*. Londres: HarperCollins, 1991.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972.

DERRIDA, Jacques. *O monolingüismo do outro*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campos das Letras, 2001.

DOMENECK, Ricardo. *Cigarros na cama precedido por Manual para melodrama*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.

LOURENÇO, Eduardo. Pessoa e Camões. *Poesia e metafísica*. Lisboa: Gradiva, 2002.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte, Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/ UFMG: Poslit, 2002.

NEGREIROS, José de Almada. A cena do ódio. In: SENA, Jorge de (org.). *Líricas portuguesa*; 3ª série. Lisboa: Portugalia, 1958.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Poesia + [antologia 1985-2019]*. São Paulo: Editora 34, 2019.

PESSOA, Fernando. Mensagem. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

RODRIGUES, Nelson. *Toda nudez será castigada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

LINO, Patrícia. *O Kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Juiz de Fora: Macondo, 2020.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. de Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

